

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

13 dez 2024 · 21:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **Joseph Haydn**

Sinfonia n.º 26, em Ré menor, “Lamentatione” (c.1768; c.17min)

1. Allegro assai con spirito
2. Adagio
3. Minuet — Trio

## **Anton Bruckner**

Sinfonia n.º 9, em Ré menor (1887-94; c.60min)

1. Feierlich, misterioso  
[Solene, misterioso]
2. Scherzo: Bewegt, lebhaft — Trio: Schnell  
[Scherzo: Movimentado, vivo — Trio: Rápido]
3. Adagio: Sehr langsam, feierlich  
[Adagio: Muito lento, solene]

Concerto sem intervalo.

O presente concerto une duas tradições sinfónicas com o epicentro na cidade imperial de Viena em épocas de transição. A Sinfonia n.º 26, “Lamentatione”, é uma das experiências mais marcantes de Haydn neste género, no período em que trabalhava na corte dos Esterházy, antes do sucesso londrino e da residência em Viena. A última sinfonia de Bruckner pode ser interpretada como um epitáfio do tardo-Romantismo, numa época em que o Modernismo vienense emergia numa cidade que atraiu compositores de várias paragens. Paralelamente, as duas incluem ressonâncias do Catolicismo, encontrando-se unidas pela espiritualidade e devoção.

## Joseph Haydn

ROHRAU (ÁUSTRIA), 1732 – VIENA, 1809

### Sinfonia n.º 26, em Ré menor, “Lamentatione”

A Sinfonia n.º 26 terá sido escrita em 1768, numa altura em que Haydn se encontrava ao serviço do príncipe Nikolaus Esterházy, um amante da música e músico amador. À época, despontava o *Sturm und Drang*, uma corrente artística que valorizava os contrastes abruptos e a expressividade intensa, que pode relacionar-se com a encarnação em música do Sublime Dinâmico postulado por Kant na *Crítica da Faculdade do Juízo*. Aproveitando o nome de uma peça teatral de Maximilian Klinger estreada em Leipzig, em 1777, essa corrente operou uma transformação nas artes e contribuiu para o aumento das dimensões e timbres da orquestra. A Sinfonia n.º 26 consubstancia o experimentalismo de Haydn antes da consolidação do género em quatro andamentos e da expansão da orquestra no final do século

XVIII. É provável que a sua designação tenha sido posteriormente atribuída devido ao uso de uma melodia de cantochão associada às *Lamentações* de Jeremias e às celebrações da Páscoa. Dividida em três andamentos e destinada a uma orquestra de cordas com trompas, oboés e baixo contínuo, apresenta traços estilísticos que se tornaram fundamentais na obra do compositor. A presença da música religiosa católica nos dois primeiros andamentos indica que estes terão sido, de facto, escritos para a Semana Santa e que Haydn terá adicionado o terceiro andamento *a posteriori*, para adequar a obra ao contexto de concerto.

O “Allegro assai con spirito” afirma a tonalidade menor e trágica da sinfonia com intensidade e *pathos*. O movimento perpétuo sugerido pela sincopação aumenta a tensão eletrizante da exposição. Sem ponte modulatória, o ouvinte é surpreendido pelo segundo tema, acentuadamente contrastante e inspirado numa melodia de cantochão. O uso expressivo das dinâmicas permeia o andamento, em especial o desenvolvimento, onde Haydn contrapõe planos tonais e elementos temáticos de forma concisa. A reexposição dos temas realiza-se de forma modificada e com uma coda ampliada para conclusão do andamento. O “Adagio” é calmo e pastoral, conduzido pela leveza da melodia sobre um acompanhamento regular e articulado. Os oboés desempenham um papel fulcral nesse andamento plácido. A sinfonia termina com um minueto instável em que o contraste dinâmico ocupa um lugar central, imprimindo seriedade e austeridade numa dança tradicionalmente leve. A secção intermédia, o trio, valoriza a quietude, desarranjada pelas curtas e intensas interjeições da orquestra. O regresso do minueto termina esta sinfonia marcada pela subversão das convenções do Classicismo.

## Anton Bruckner

ANSFELDEN, 1824 – VIENA, 1896

### Sinfonia n.º 9, em Ré menor

Se a Sinfonia n.º 26 de Haydn integra melodias católicas numa época de profunda reforma religiosa sob o signo das Luzes, a intensificação do sentimento religioso é uma característica do contexto europeu do final do século XIX. Num período de grande pessimismo, questionar o papel do Homem e valorizar o divino tornaram-se lugares-comuns. O fervor religioso materializou-se de uma forma particular em Bruckner, compositor e organista com uma ligação umbilical ao Catolicismo. Essa tendência encontra-se bem audível na Sinfonia n.º 9, uma das suas últimas obras, que se encontra repleta de citações de cânticos religiosos e de alusões ao seu *Te Deum*, bem como de referências a material temático da sinfonia anterior. Bruckner iniciou a composição a 12 de Agosto de 1887 e terminou os primeiros três andamentos a 30 de Novembro de 1894. No ano seguinte, quando já se encontrava doente, foi-lhe cedido um apartamento no Palácio Belvedere, onde tentou terminar a sinfonia, tendo escrito uma grande quantidade de esboços para o seu Final.

As sinfonias de Bruckner não foram bem recebidas em Viena — algumas nunca foram apresentadas em vida do compositor, frequentemente satirizado e caricaturado pela imprensa da época devido à sua associação à tradição wagneriana. Todavia, era um reconhecido professor de harmonia e contraponto, com a preparação técnica considerada ideal para leccionar nas instituições musicais mais importantes de Viena e para ocupar o cargo de organista na Hofkapelle; mas as suas obras sinfónicas não eram apresentadas. Os três andamentos que completou da Sinfonia n.º 9,

por exemplo, só foram editados e estreados em 1903, vários anos após a sua morte. Contudo, houve tentativas mais tardias de revisão da obra mediante os manuscritos autógrafos, colocando a sinfonia no centro do trabalho de diversos estudiosos.

Bruckner inicia esta obra orquestral de proporções monumentais, permeada por evocações ao sublime religioso, com um andamento em forma *allegro* de sonata. Esta forma foi profundamente transformada no final do século XIX, permanecendo, sobretudo, os princípios do contraste temático e do desenvolvimento, aspectos salientes no primeiro andamento desta peça. Gerado a partir de uma nota sustentada, à qual se adicionam elementos fragmentários do material temático, o “Feierlich, misterioso” é um enorme desafio de composição. A adição cumulativa de melodias é interpolada por texturas de fanfarra, antecipando o desenrolar do andamento. Os primeiros temas são apresentados em uníssono e de forma afirmativa e encontram-se separados do segundo grupo temático por uma ponte delicada em que pontificam os *pizzicati* das cordas. As longas melodias líricas e *cantabile*, nas quais as resoluções tonais são diferidas, dominam o segundo grupo temático, protagonizado pelas cordas e pelo oboé. O desenvolvimento movimentado e tempestuoso inicia-se com o primeiro tema, que aqui funciona como um *leitmotiv*, emergindo ciclicamente na obra. As mudanças abruptas de dinâmica e a sucessão de diversos clímax antecipam a reexposição. Contudo, Bruckner prossegue o desenvolvimento enquanto apresenta o primeiro grupo temático, fundindo as ideias de recapitulação e de desenvolvimento nesta reexposição. Este mecanismo coloca em evidência as tensões existentes entre as formas bipartidas e tripartidas relacionadas com o *allegro* de sonata,

numa abordagem que favorece a porosidade entre as várias secções. A atmosfera de *pathos* é interrompida por uma pausa dramática, antecipando uma longa coda caracterizada pelo aumento da tensão, pela passagem a um registo mais agudo e pela dinâmica mais forte. Paralelamente, a repetição de curtos elementos assume um papel enfático numa secção final que remete para uma ideia de circularidade e que evoca algum estatismo.

O “Scherzo” encontra-se na forma tradicional A-B-A. Contudo, Bruckner é conhecido pela transformação que introduz neste tipo de andamentos, estendendo-os, subdividindo as secções e modificando o seu carácter. O que seria, tradicionalmente, um andamento lúdico transforma-se num espaço para representar o *pathos* de uma forma intensa. Após uma introdução de cordas em *pizzicati*, o compositor desenvolve uma forma em que os temas são sublinhados por dissonâncias. Uma estilização de dança rústica baseada em *ostinati* percussivos é interpolada por episódios mais líricos protagonizados pelo oboé e por outros instrumentos de sopro em conjunto. A essa atmosfera contrapõe-se uma secção intermédia tripartida contrastante, que evidencia o lúdico e o grotesco em simultâneo, numa textura sonora que nos remete para uma atmosfera campestre. De forma a preparar a reexposição, o andamento adquire um carácter misterioso. A recapitulação da primeira secção assinala claramente o eterno e inexorável retorno do material no qual o andamento é baseado.

Os andamentos lentos das sinfonias sempre foram dos que receberam tratamento mais flexível, e este “Adagio” é um dos exemplos mais audíveis do virtuosismo de Bruckner nesse âmbito. Remetendo para uma forma rondó que integra a polaridade contrastante do *allegro* de sonata, desenrola-se em torno de três

ideias principais. Tem início com uma atmosfera calma e lamentosa, que aponta para um certo misticismo e incorpora a ambiguidade tonal na abordagem tardo-romântica à harmonia. Posteriormente, ouvimos um lamento tocado pelo oboé, numa textura que cresce de volume e é pontuada pelos metais, conduzindo a uma melodia apresentada pelas trompas. À leveza de uma dança popular segue-se a reexposição dos dois primeiros grupos temáticos, mas com a sua ordem invertida. A acumulação de tensão conduz a uma pausa dramática, que precede o regresso à atmosfera inicial em tom de lamento, mantendo-se serena até ao fim. Isso coloca-nos uma questão importante: a que soaria o andamento seguinte se Bruckner o tivesse concluído?

JOÃO SILVA, 2018/2024\*

---

\* O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

## Stefan Blunier direção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. A história de sucesso desta formação continua em 2024/25 com a profícuca colaboração entre maestro e orquestra em inúmeros concertos no Porto.

Compromissos recentes levaram Blunier à Orquestra Nacional de Lille, à Filarmónica de Copenhaga, à Orquestra da Suíça Romanda, à Sinfónica de Berna, à Orquestra Estatal de Darmstadt, à Sinfónica da Ópera de Toulon e à Sinfónica de Singapura.

Na sequência do êxito de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda*, e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Subiu aos pódios para *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, bem como para *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda para uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca. Regressou à Deutsche Oper am Rhein Düsseldorf/Duisburg para dirigir *Macbeth*, de Verdi. Ainda no campo operático, o maestro passou por cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi diretor geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram gravadas e editadas pela Dabringhaus

& Grimm, recebendo vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direção de orquestra na sua cidade natal e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos concursos de direção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim, e diretor musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como diretor geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresentou a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrichenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. Foram retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 tocou ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos *Räsonanz*, apresentados pelo ciclo *Musica Viva* da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.



**Violino I**

Martyn Jackson\*  
Álvaro Pereira  
José Despujols  
Maria Kagan  
Ilanina Khmelik  
Vladimir Grinman  
Andras Burai  
Alan Guimarães  
Jorman Torres  
Evandra Gonçalves  
Tünde Hadadi  
Emília Vanguelova  
Vadim Feldblioum  
Roumiana Badeva  
Maxence Mouriès\*  
Raquel Santos\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Mariana Costa  
José Paulo Jesus  
Lilit Davtyan  
Tatiana Afanasieva  
Pedro Rocha  
Catarina Martins  
Domingos Lopes  
Karolina Andrzejczak  
Nikola Vasiljev  
Paul Almond  
Margarida Campos\*  
Mariana Cabral\*

**Viola**

Mateusz Stasto  
Anna Gonera  
Timur Sadykov\*  
Emília Alves  
Biliana Chamlieva  
Rute Azevedo  
Hazel Veitch  
Luís Norberto Silva  
Jean-Loup Lecomte  
Alexandre Aguiar\*  
Catarina Gonçalves\*  
Maria Almeida\*

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Michal Kiska  
Sharon Kinder  
Hrant Yeranosyan  
Aaron Choi  
Tiago Mendes\*  
Burak Özkan\*  
Pedro Afonso Moutinho\*

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Joel Azevedo  
Pedro Carvalho\*  
Francisco Osório\*  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Paulo Barros  
Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer

**Oboé**

Tamás Bartók  
Telma Mota\*  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
João Moreira  
Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov

**Trompa**

Nuno Vaz  
Hugo Sousa  
Bruno Rafael\*  
Telma Gomes\*  
José Bernardo Silva  
Hugo Carneiro  
Renato Oliveira\*  
André Gomes\*  
Eddy Tauber

**Trompete**

Sérgio Pacheco  
Luís Granjo  
Ivan Crespo

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Mário Machado\*

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

André Castro\*

\*instrumentistas convidados

**Operação Técnica****Iluminação**

Virgínia Esteves

**Palco**

Carlos Almeida  
Ernesto Pinto da Costa

## Próximos concertos

15.12 DOM 10:30 OU 14:30 SALA DE ENSAIO 2

### **Cantar o Natal**

**António Miguel Teixeira** e **Raquel Couto** formadores

15.12 DOM 12:00 SALA SUGGIA

### **Os segredos de Bruckner**

**Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Stefan Blunier** direção musical

Concerto comentado por **Mário Azevedo**

Obras de **Joseph Haydn** e **Anton Bruckner**

15.12 DOM 18:00 SALA SUGGIA

### **Mestre Lachenmann**

concerto final da Remix Ensemble Academy — Special Edition

**Remix Ensemble Casa da Música**

**Alunos da Academia**

**Peter Rundel** direção musical

Obras de **Sara Ross**, **Hèctor Parra** e **Helmut Lachenmann**

16.12 SEG 21:00 SALA SUGGIA

### **Nouvelle Vague**

promotor: Vortex

17+18.12 TER+QUA 21:00 SALA SUGGIA

### **Tiago Bettencourt**

promotor: Everything is New

19.12 QUI 21:00 SALA 2

### **Prémio Conservatório de Música do Porto**

**Afonso Baldaque** trombone

Obras de **Enrique Crespo**, **Launy Grøndahl** e **Stjepan Šulek**

**Trio Zéfiro**

**Ana Catarina Dias** e **Leonor Monteiro** flautas

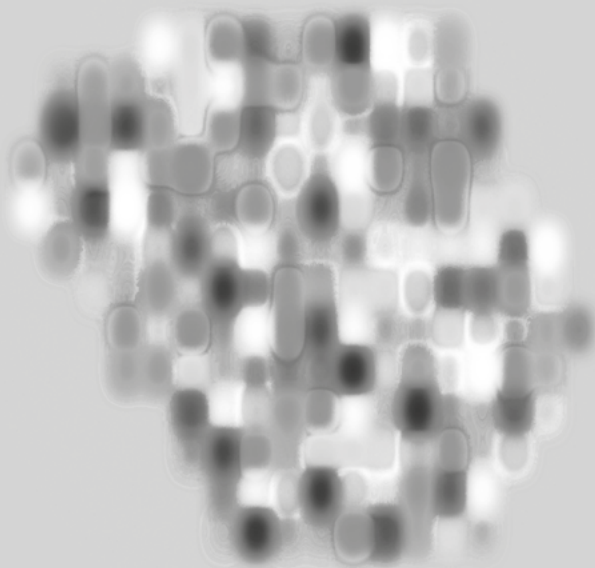
**Martim Pereira** piano

Obras de **Friedrich Kuhlau** e **Gary Schocker**

# casa da música

---

NESTE NATAL,  
OFEREÇA A MAGIA



DOS CONCERTOS  
NA CASA DA MÚSICA

---

UM PRESENTE QUE VALE  
O ANO TODO!

[casadamusica.com/natal2024](https://casadamusica.com/natal2024)

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

